



VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO: OS VÁRIOS CONTEXTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Iranildo da Silva Oliveira

Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia

Universidade do Estado do Pará – UEPA. iranildo_silva_oliveira@hotmail.com

Resumo: Este trabalho busca fazer um panorama sobre o trabalho realizado pelo professor da Educação Infantil, mostrando os desafios enfrentados no que concerne esta profissão. E tem como objetivo expor a vivência tida durante o estágio referente à disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Infantil”, observando a atuação das professoras e consequentemente dos profissionais que constroem juntos com as mesmas a educação no ambiente em questão, buscando constatar os reflexos de suas atuações nos aspectos formativos e pedagógicos da sala de aula, analisando a atuação pedagógica das professoras e a relação professor-aluno, atuando de forma colaborativa para o desenvolvimento das aulas. Levando em consideração que a atuação do professor é de fundamental importância para o sucesso educacional do educando, pois somente este profissional munido de estratégias diferenciadas poderá assegurar a permanência do aluno no ambiente escolar. O estágio foi dividido em duas salas distintas, uma na Creche (composta por 29 alunos) e a outra, no Pré-I (composta por 27 alunos) em uma escola do sistema municipal de ensino de Santa Maria do Pará, nordeste do estado do Pará, cerca de 100 Km de distância da capital do estado (Belém). Sendo esta instituição, considerada uma referência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Menor no ensino público do município em questão. Puderam-se identificar algumas dificuldades para realização do trabalho pedagógico, como: ausência de brinquedoteca; ausência dos pais para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem de seus filhos; apesar das dificuldades, as educadoras exercem um trabalho significativo para a educação dos discentes, além de ser perceptivo o vínculo professor-aluno. O referencial teórico utilizado para nortear a discussão sobre a educação infantil foi: Cunha (2010), Erikson (1987), Freinet (2004), Moreira (2009) e outros. Além da legislação vigente sobre a educação brasileira e a profissão docente.

Palavras-chave: Educação infantil. Educação. Práticas Pedagógicas. Família e escola.

1 Introdução

A Educação Infantil que tem como público, alunos de até 5 anos de idade, segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB, Lei de Nº 9.394/1996, e de acordo com o Art. 29 da referida lei, “tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”, desta forma, complementando a “ação da família e da comunidade”. Nem sempre foi assim, Tardif (2013) ao discorrer sobre a profissionalização do ensino, relata que existiram três épocas distintas para essa profissão (professor) e suas particularidades. A primeira era concebida por vocação, a segunda o ofício e a terceira, a profissão. Na época da vocação, a educação destinada às crianças era para a formação do caráter social, à conduta como cidadão e principalmente para a formação religiosa.

Este trabalho busca fazer um panorama sobre o trabalho realizado pelo professor da Educação Infantil, mostrando os desafios enfrentados no que concerne esta profissão. E tem como objetivo expor a vivência tida durante a disciplina “Estágio Supervisionado em Educação Infantil”, observando a atuação das professoras e consequentemente dos profissionais que constroem juntos com as mesmas a educação no ambiente em questão, buscando constatar os reflexos de suas atuações

¹ Este trabalho foi resultado do estágio supervisionado em educação infantil, sendo componente curricular do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



nos aspectos formativos e pedagógicos da sala de aula, analisando a atuação pedagógica das professoras e a relação professor-aluno, atuando de forma colaborativa para o desenvolvimento das aulas.

1.1 A criança e a escola

Na infância, a criança ainda está muito vinculada à família, pois em casa recebe todos os mimos possíveis, além de brincar e ter exclusividade com seus brinquedos. Para Ravelli e Motta (2005, p. 612) “a criança nesta fase é essencialmente egocêntrica, gosta de brincar sozinha ou com outras crianças, porém não de forma compartilhada”. Freinet (2004, p. 52) define bem a criança, relatando que até os quatro anos de vida, “sem esforço aparente, sem deveres e sem lágrimas, atingem limites que nos espantam. São extraordinariamente ricas de pensamento, de linguagem e de experiências pessoais e originais”. Dentro deste viés, Moreira clássica que:

[...] as ações são mais coordenadas e menos centradas no sujeito; objetos e eventos são representados mentalmente, têm realidade cognitiva além da realidade física; no entanto, o pensamento ainda não é reversível; a criança nesse período não tem ainda compreensão da transitividade, nem da conservação do todo; sua atenção volta-se para os aspectos mais atraentes, perceptualmente, de objetos e eventos podendo facilmente cair em contradição. (MOREIRA, 2009, p. 14)

Em vista disso, Erikson acrescenta que:

Os estudiosos da sociedade e da história, por outro lado, continuam ignorando alegremente o simples fato de que todos os indivíduos nasceram de mães; de que todos nós já fomos crianças; de que as pessoas e os povos começaram em seus berçários; e de que a sociedade consiste em gerações no processo de desenvolvimento de filhos em pais, destinados a absorver as mudanças históricas durante suas vidas e a continuar fazendo história para seus descendentes. (ERIKSON, 1987, p. 44)

Tanto a escola, como o professor da Educação Infantil deve reconhecer não só as diferenças etárias apresentadas pelo seu público em relação ao Ensino Fundamental, como as abordagens pedagógicas e propostas curriculares, visando o desempenho e interação de cada criança frequentadora das instituições de ensino. No Art. 4º, da Resolução 5/2009, do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, determina que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (CNE/CEB, 2009)

Neste viés, as crianças deverão estar no foco das atenções no momento do planejamento pedagógico, além da percepção do professor ao adotar sua postura mediante as especificidades tidas, levando em consideração o contexto social no qual o público alvo da Educação Infantil está inserido.

2 Resultados e discussões



O Estágio possibilita o licenciando a adquirir “práticas de docência”, tanto na “observação e acompanhamento”, como visa o Art. 8º do Parecer Nº1 de 2006, do Conselho Nacional de Educação e Conselho Pleno, ao instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia – licenciatura. A Escola lócus do estágio atendia no ano de 2016 (ano do estágio) um total de 390 alunos, distribuídos em dois turnos, turmas da Educação Infantil e as primeiras séries do Ensino Fundamental. Onde uma porcentagem dos alunos residiam nos bairros próximos e outros mais afastados. Existia na clientela atendida, grande diferença no contexto socioeconômico, ou seja, a maioria dos alunos é pertencente a famílias carentes, onde muitas vezes a única renda provem do Programa do Governo Federal “Bolsa Família”.

2.1 Dificuldades educacionais

A falta de uma brinquedoteca para desenvolvimento de aulas com utilização de materiais didático-pedagógicos dificulta a aulas, pois os brinquedos se encontram dentro do espaço da sala de aula, sendo que não há armários para guardar os mesmos, ficando em baldes e sacos. Com isso, as crianças há todo momento querem brincar, mesmo nas horas de atividades, o que leva alguns alunos ao choro. Moyles (2002, p. 100) considera que “devido a relevância do brincar para as crianças e a sua motivação para ele, o brincar deve estar impregnado nas atividades de aprendizagem apresentadas as crianças, em vez de ser considerado um estorvo ou atividade residual”.

O contexto social de cada aluno é outro contratempo encontrado no ambiente educacional, sendo percebido que são poucos os pais com a possibilidade de contribuir com materiais para desenvolvimento das aulas. Seguindo esta mesma problemática, foi à contribuição para a programação do dia das crianças, sendo difícil para as professoras a compra de brindes e realização de lanches para oferecer às crianças. Cunha (2010, p. 22) disserta sobre família e afirmando que “quanto mais elevada for sua posição social, maiores suas expectativas de escolarização, e quanto mais desfavorecida for a família, mais limitadas suas aspirações em relação ao futuro”.

A falta de parceria da família nas atividades escolares não se limita aos eventos, muitos cadernos regressam para a escola da mesma forma que foram para casa dos alunos, com trabalhos não realizados, revelando a ausência dos pais na formação desses alunos, atribuindo somente à escola a formação e educação de seus respectivos filhos. Cunha pondera sobre isso.

A ação do meio familiar sobre o sucesso escolar parece ser quase exclusivamente cultural, uma vez que a proporção de “bons alunos” parece aumentar com a renda e com o nível do diploma do pai. As duas instâncias, quando conjugadas, permitem aos pais não somente intervir com competência na escolaridade dos filhos, mas influenciar no desenvolvimento do aluno por meio do ambiente familiar e, notadamente, das conversas e dos diálogos entretidos entre pais e filhos. (CUNHA, 2010, p. 22)



O que a autora aborda, está bem visível na escola lócus do estágio, mais precisamente na Educação Infantil, onde foi constatada essa realidade, sendo lamentável que por falta de formação, muitos pais e mães só contam com a escola para sonhar em um futuro diferente para os filhos.

2.2 Prática pedagógica na educação infantil

As professoras apresentam um domínio de sala que as auxiliares não possuem, isso é encontrado tanto na creche, quanto na do pré-I. Ao iniciar as aulas, sempre procuram aproximar as crianças para dentro da sala de aula, pois como a aula é matutina, os alunos ainda estão com sono ou mesmo distante da sala de aula.

Nas aulas observadas mostrou-se o uso do lúdico em sala, auxiliando na percepção, imaginação e criatividade, além de desenvolver a interação dos alunos, a partir de vários jogos. E por meio das brincadeiras, as professoras ensinam as vogais, as cores, contar, entre outras, além de cantigas seja religiosas ou a fim de dar alguma moral no final. Abramowicz e Wajskop (1999, p. 56) consideram que “brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa. A criança que brinca adentra o mundo do trabalho, da cultura e dos afetos pela via de representação e da experimentação”.

2.3 Relação professor-aluno

Para trabalhar na educação infantil, o profissional deve estar apto a construir bases sólidas de confiança entre ele e o aluno, a fim de colaborar na apreensão do conhecimento do discente, visto que sendo uma criança que terá no máximo cinco anos de idade, ainda não está totalmente integrado ao contexto extra familiar.

No Parecer nº 5/2006 do Conselho Nacional de Educação e Conselho Pleno, Art. 5º, parágrafo II, dispõe que o profissional deverá “compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social”. Acrescentando no parágrafo III, que o mesmo professor tem que “fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental”. E se tratar do cuidar e educar, os dois são inseparáveis, pois não tem como educar uma criança sem cuidá-la. Isso ficou muito visível, quando as professoras da creche tiveram sempre que acompanhar as crianças ao banheiro, os estagiários ter que limpar nariz escorrendo. Na hora do lanche as docentes tinham que colocar na boca de alguns por serem novos de mais.

Na turma do pré-I a realidade era outra, os cuidados estão voltados à atenção para realização de tarefas e no que diz respeito às briguinhas entre colegas. Em apontar lápis para os alunos, sendo que os mesmos não podem ter contato com objetos perfuro cortantes e apontador, quando terminavam



uma atividade deveriam entregar os lápis, o mesmo se repetia na creche. Os laços se estendem até a família, pois as professoras procuram informar o desenvolvimento dos filhos para os pais. Consequentemente as manhas e birras que os mesmos apresentam em sala, além de dores apresentadas no decorrer da aula, mostrando a preocupação das professoras para com seus alunos.

3 Considerações Finais

Este trabalho visou explicar as observações feitas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, em uma escola do sistema municipal de ensino no município de Santa Maria do Pará, nordeste do estado do Pará. Em relação ao que foi exposto, torna-se um desafio o trabalho do Pedagogo(a) na Educação Infantil, tendo em vista o que determina as Diretrizes Curriculares para este curso, pois o profissional além de estar apto, deve saber lidar com as especificidades encontradas dentro da sala de aula, tendo uma postura diferenciada em relação as práticas pedagógicas que deverão ser utilizadas.

O que pode ser constatado nesta escola realiza um trabalho que possibilita os discentes em se construírem. E mesmo com tantas dificuldades as professoras dão o seu melhor, e veem no lúdico a melhor forma para socialização do conhecimento com os alunos. Por tanto, é a partir do lúdico que a criança desenvolverá suas habilidades, motoras e cognitivas.

Mesmo que a escola ofereça todas as possibilidades para desenvolver a criança de forma satisfatória, mas se o professor não tiver conhecimento prévio sobre o assunto, ele vai apenas “brincar por brincar”. Então cabe a todo o corpo docente a elaboração de práticas que visem dar maior suporte para a Educação Infantil, com isso, desenvolver aulas cada vez mais atraentes, pois educar/formar crianças não é tarefa fácil.

4 Referência

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Educação infantil:** atividades para crianças de zero a seis anos. 2. Ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1999.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acessado em: Março de 2016.

_____. **Parecer nº 1 de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: CNE/CP, 2006.

_____. **Resolução nº 5 de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. In: Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 80-101.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **Sociologia da educação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



ERIKSON, Erik. H. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

FREINET, Celéstin. **PEDAGOGIA DO BOM SENSO**. Tradução: J Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOREIRA, Marco Antonio. **Comportamentalismo, Construtivismo e Humanismo**. 1º. ed. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios5.pdf>>. Acessado em Outubro de 2016.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na Educação Infantil. Editora Artmed; Porto Alegre, 2002.

RAVELLI, Ana Paula Xavier; MOTTA, Maria da Graça Corso da. O lúdico e o desenvolvimento infantil: um enfoque na música e no cuidado de enfermagem. In: **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2005 set-out; 58(5): 611-613.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para frente, três para trás. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, v.34, n. 123, p. 551- 571, abr.- jun. 2013.